

Tradição e adaptação contextual do discurso do *Bhagavad-Gītā* e do movimento Hare Kṛṣṇa em Juiz de Fora – MG¹

Tradition and contextual adaptation of discourse of the *Bhagavad-Gītā*
And of Hare Kṛṣṇa Movement in Juiz de Fora - MG

Adrielle Luchi Coutinho Bove²

adrielleluchi@gmail.com

Rafael Siqueira Machado³

faelborgir@hotmail.com

Resumo

O trabalho buscou analisar os (possíveis) processos de adaptação e contextualização do movimento conhecido como Hare Kṛṣṇa na cidade de Juiz de Fora – MG. A questão é como uma forma religiosa, nascida em um contexto social tão singular como a Índia conseguiu, em menos de cinquenta anos após sua chegada ao “Ocidente”, nos EUA, alcançar Juiz de Fora. Sobre o processo de adaptação contextual, percebe-se que há a valorização da “tradição” expressa nos cantos de mantras em sânscrito, vestimentas, pinturas faciais e no rito de forma geral. Porém, há um forte discurso de adaptação das “tradições milenares” ao contexto local, que possibilita formas de ajustamento de hábitos cotidianos aos ensinamentos do Hare Kṛṣṇa.

Palavras-chave: Contextualização; Hare Kṛṣṇa; Religião; Grupo.

Abstract

The study has sought to analyze the (possible) processes of adaptation and contextualization of the movement known as Hare Kṛṣṇa in the city of Juiz de Fora - MG. The matter is how a religious form, born in a social context as unique as India has managed, in less than fifty years after its arrival in the "West", in the US, to reach Juiz de Fora. Concerning the process of contextual adaptation, one realizes that there is an enhancement of "tradition" expressed in the singing of Sanskrit mantras, costumes, face painting and ritual in general. However, there is a strong discourse of adaptation of "millennial traditions" to the local context, allowing ways of adjustment of daily habits to the teachings of Hare Kṛṣṇa.

¹Trabalho apresentado na 3ª Semana de Ciência da Religião - Polissemia do Sagrado: interfaces entre diferentes formas de conhecer e interpretar fenômenos religiosos, realizada na Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, de 6 a 9 de outubro de 2014.

² Graduanda em bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

³ Graduando em bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Keywords: Contextualization; Hare Kṛṣṇa; Religion; Group.

Introdução

A Sociedade Internacional para a Consciência de Kṛṣṇa, ou ISKCON [International Society for Kṛṣṇa Consciousness], fundada em 1969 por Abhay Charanaravinda Bhaktivedanta Swami Prabhupāda, que recebeu essa missão de seu mestre espiritual, deixando a Índia e vindo para os Estados Unidos da América em 1965. Ao chegar no Ocidente ele se deparou com os jovens do movimento da contracultura, os chamados hippies, e viu neles uma oportunidade para a expansão de suas ideias, o que contribuiu para a formação do então chamado Movimento *Hare Kṛṣṇa* no Ocidente.

Segundo informações fornecidas pelos devotos de Juiz de Fora, o nome oficial da religião é: *Brahma-Madhva-Gauḍīya-Sampradāya*, e possui cerca de quinhentos anos de idade. Foi fundada pelo devoto Caitanya, e tem na transmissão discipular o modo de propagação da religião. Portanto, a ISKCON caracteriza-se por ser uma instituição fundada apenas nos anos 60, baseada na vertente religiosa de origem indiana, originada a cerca de quinhentos anos. Chamar os devotos de *Hare Kṛṣṇa* se originou no próprio Ocidente, por conta do complicado nome oficial da religião e pelo fato dos devotos cantarem com frequência o *mantra Hare Kṛṣṇa*.

Prabhupāda dedicava-se à produção, publicação e distribuição de seus livros, forma pela qual via como forma ideal de expansão do movimento, já que acreditava que os “ocidentais” entenderiam a mensagem através da leitura, sendo esta a maior fonte de renda da ISKCON, e após mais de trinta anos de sua morte, ainda é considerado o grande mestre e exemplo da instituição. Coube também a Prabhupāda a tradução, recontextualização e adaptação ao modo de viver ocidental dos ensinamentos védicos⁴, sendo assim, há o primeiro processo de adaptação.

No atual contexto religioso brasileiro percebe-se, segundo Pierre Sanchis (1999), a partir de novos movimentos religiosos, principalmente os de origem oriental como o Budismo, Hinduísmo de Kṛṣṇa, Seicho No Iê, Igreja Messiânica, etc., uma formação de

⁴Os *Vedas* são o conjunto de livros que compilam todo o pensamento religioso do Hinduísmo

sujeitos plurais, os quais possuem uma porosidade das identidades e múltiplos processos de construção dessa identidade, o que leva a um processo de sincretismo religioso. Por outro lado há também que, uma vez que a religião busca ser universal, ela traz consigo três aspectos segundo Ortiz (2001, p.61): “1) oposição ao “particularismo”, ou seja, aos costumes, valores e poderes nos limites restritos das localidades [...]; 2) a capacidade de integração de povos diversos em uma mesma norma de sentido [...]; 3) o poder de irradiação a partir de um centro”. Acrescenta que em meio a diversidade provida pelo processo de globalização, as religiões tendem a resguardar tanto suas idiossincrasias quanto suas especificidades, ou seja, mesmo que todos compartilhem o mesmo mundo, suas vivências não serão idênticas.

O Movimento *Hare Kṛṣṇa* no Brasil surgiu nas décadas de 1970 e início de 1980, motivados por movimentos de jovens saídos das classes médias urbanas, que buscavam formas alternativas de vida. Fazem parte dos objetivos destes movimentos, a construção de comunidades ecológicas, principalmente rurais, e a busca pela espiritualidade, manifestada na vivência voltada para Kṛṣṇa. Os jovens viam nessa forma de representação religiosa, uma maneira de encontrar uma vida com objetivos definidos e significativos, criando um contraste com o aparente mundo sem sentido e sem espiritualidade da sociedade Moderna:

Os movimentos alternativos e as correntes de cunho orientalista atingiram uma clientela que não estava acostumada às religiões tradicionais. Essa clientela específica, à procura de novas maneiras de viver, viu-se diante de várias opções. Compõe esse universo, todas as religiões orientais que surgiram após a década de sessenta; os grupos esotéricos, as práticas oraculares; os misticismos das mais variadas matrizes; o uso de drogas; as terapias de cura natural; a medicina alternativa; a macrobiótica; o vegetarianismo; a valorização da vida no campo; a volta à natureza. Apesar de muitos desses movimentos estarem afastados do mundo do sagrado, a maioria acabou por desenvolver laços religiosos e místicos muito fortes. (Guerriero, 2001)

Assim, Guerriero destaca que a tão frisada “morte de Deus” não acontece. No interior dos grandes centros urbanos, onde esta suposta morte aconteceria, na verdade, ocorre um processo de renovação religiosa, onde: “Dentro desse leque de ofertas existe sempre a possibilidade de uma ruptura mais radical com a realidade vivida. A conversão

a uma determinada seita exótica oriental representa, em termos do imaginário, uma ruptura com o real.” (Guerriero, 2001).

Desta forma, o movimento *Hare Kṛṣṇa* chega ao Brasil em 1974 com adeptos isolados em São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador. A partir de 1977, um devoto chamado Hridayananda, sai dos EUA e institucionaliza a religião no Brasil. Assim, o movimento se expande pelo país, formando vários templos com extenso número de convertidos. Neste período, o movimento incentiva todos os convertidos à abandonarem suas vidas e se dedicarem à nova fé. Porém, com o declínio no número de adeptos a partir do fim da década de 1980, muitos dos templos terminam com a falência, fazendo com que a ISKCON diminua sua postura mais “extrema” de conversão, passando então a incentivar a existência dos chamados “devotos externos” (Guerriero, 2001), que consistem em convertidos que não abandonam sua vida para seguir a fé. Nos dias atuais, o movimento conta com um pequeno número de convertidos espalhados em várias cidades do Brasil. O *Hare Kṛṣṇa* no Brasil possui ainda alguns templos, espalhados por capitais e em outras cidades do país. Conta também com cinco comunidades rurais existentes, destacando-se a comunidade de Nova Gokula, em São Paulo, onde há uma escola de Ensino Fundamental voltada à população local, templos e fazendas; conta ainda com o seminário *Hare Kṛṣṇa* de Filosofia e Teologia, situado em Campina Grande (PB), local onde o devoto permanece por um ano aprimorando seus estudos e recebendo sua primeira iniciação.

Pode-se perceber a partir de então que o movimento *Hare Kṛṣṇa* conseguiu grande expansão não apenas no Ocidente de modo geral, mas também no Brasil. Assim, o grupo estudado, situado na cidade de Juiz de Fora, se caracteriza por ser um dos vários grupos existentes no país. Como será explicado adiante, o grupo analisado, além de se inserir no contexto geral, possuindo membros que trabalham na tradução de livros da ISKCON, e participam de encontros e seminários mais gerais, possuem formas particulares de ocidentalização da filosofia de origem oriental do *Hare Kṛṣṇa*, podendo então ser estudado como uma particularidade no tema proposto.

Objetivos e métodos de pesquisa

O objetivo do presente trabalho é analisar os possíveis processos de ocidentalização do *Hare Kṛṣṇa* no contexto particular de um grupo específico

localizado em Juiz de Fora. Surge assim a pergunta norteadora da pesquisa: Como ocorrem os processos de adaptação (se ocorrem) do *Hare Kṛṣṇa* no grupo de Juiz de Fora? Inicialmente, a questão a se colocar é de como uma forma religiosa, nascida em um contexto social tão singular como a Índia conseguiu, em menos de cinquenta anos após sua chegada ao “Ocidente”, alcançar Juiz de Fora, uma cidade de porte médio do interior de Minas Gerais. Sob esta perspectiva, Guerriero (2001) afirma que o movimento chegou ao Brasil em 1974 através de alguns membros europeus e estadunidenses. Sua expansão se deu de modo rápido, alcançando o contexto aqui analisado, Juiz de Fora, na década de 1980. Sua ampliação na cidade, segundo relatos, foi relativamente grande, existindo até um templo nos anos 1990, porém este não existe mais. Nos dias atuais, há apenas um espaço alugado nos fins de semana e utilizado no domingo para as reuniões e adoração. Nota-se então que esta religião já faz parte do contexto da cidade há algum tempo.

Se nas primeiras visitas, foi possível perceber o uso de ferramentas tecnológicas e a contextualização dos textos do *Bhagavad-Gītā* realidade prática da vida das pessoas, estes processos foram apenas entendidos como “adaptados” após aprofundamento da pesquisa. Levando em conta que o grupo de frequentadores e praticantes é vinculado à ISKCON, houve a suspeita que a própria instituição, que é bem difundida no Ocidente, aconselhe os próprios membros à trazer para a realidade local os discursos dos livros sagrados. Porém, em duas oportunidades, adeptos do *Hare Kṛṣṇa* não participantes do grupo estudado participaram de palestras. Em uma das palestras, uma das fundadoras do grupo juiz-forano, que atualmente frequenta as reuniões esporadicamente, não tentou trazer os conhecimentos para a realidade local. Em outra oportunidade, Guru Maharaj Dhanvantari Swami, o guru de três iniciados que organizam as reuniões, organizou um ritual de iniciação e em sua palestra, apenas trouxe sua experiência pessoal no *Hare Kṛṣṇa* e explicações dos livros sagrados. Em pesquisas posteriores nos sites oficiais da ISKCON, nada se encontrou sobre orientações nas palestras.

A partir desta percepção, o grupo de pesquisa notou que os palestrantes do grupo estudado tentam trazer os conhecimentos védicos para a realidade ocidental por seus próprios estudos. Não se afirma aqui que os praticantes de Juiz de Fora sejam os únicos a adaptar os conhecimentos, porém sua forma de fazer esta adaptação e

recontextualização é particular destes praticantes, ou seja, são eles mesmos que fazem esta ponte Oriente-Occidente. Outro aspecto que reforça esta concepção é o relativo distanciamento entre aprendiz e mestre. Os iniciados que frequentam as reuniões não vivem com os seus gurus (isso é exclusividade dos iniciados que largam tudo para se dedicar apenas à religião, o que não se aplica ao contexto estudado de Juiz de Fora), e seu contato com o mestre espiritual é esporádico. A maior ligação dos iniciados e frequentadores com a religião é através da leitura dos livros sagrados, em especial o *Bhagavad-Gītā*. Assim, a “adaptação” do ritual e dos ensinamentos dos livros é feito pelos próprios iniciados e frequentadores do grupo estudado.

É possível então destacar que pesquisar os processos de ocidentalização dos rituais e estudos do *Hare Kṛṣṇa* no contexto particular de Juiz de Fora, é pesquisar um pequeno grupo que possui ferramentas próprias, não padronizadas, de trazer para a vida prática dos interessados os discursos milenares e orientais reinterpretados. Então, o principal objetivo apresentado aqui é: como o grupo faz esse processo de adaptação e contextualização.

O método empregado para a pesquisa de campo foi a observação participante, na qual os pesquisadores frequentaram as reuniões semanais, participando do canto de mantras, da palestra e da *prashada* (partilha de alimentos abençoados, trazidos pelos próprios frequentadores). Foi possível perceber que a convivência com o grupo forneceu grande parte das informações relevantes à pesquisa, havendo então pouca necessidade de entrevistas. A orientação foi que “de qualquer modo, esta atitude não transpareceu muito nas entrevistas, porque fiz poucas entrevistas formais. Procurei demonstrar esta disposição para aceitar as pessoas e a comunidade através de minha participação cotidiana” (Foote-Whyte, 1943, p.78). As perguntas feitas abordavam a história do grupo e a trajetória de alguns membros, com a finalidade de situar o objeto de estudo.

Se Silas Guerriero (2001) fornece uma análise da adaptação geral e ampla de uma filosofia oriental no Ocidente, a convivência com o grupo de Juiz de Fora exacerbou as semelhanças e particularidades deste processo de adaptação, inseridas em um contexto particular de uma cidade de médio porte. Muitos destes processos foram percebidos nas palestras e conversas, na convivência com o grupo, onde os próprios membros forneciam as informações necessárias espontaneamente.

A exemplo de Roberto Cardoso de Oliveira (2000), utilizou-se os recursos do olhar, do ouvir e do escrever como principais formas de formar dados. Assim, pela vivência nas reuniões, ouvindo as palestras, os discursos e as conversas, olhando o modo de se vestir, de se portar, e escrevendo semanalmente diários de campos, a análise foi se formando. A pesquisa foi realizada semanalmente, no domingo, entre 26/05 e 17/08 de 2013, contabilizando doze visitas. Algumas conversas-entrevistas foram realizadas após as reuniões, e através de redes sociais (Facebook) esporadicamente.

As reuniões

1 - Canto de *mantras* e aula do *Bhagavad-Gītā*⁵

O evento pesquisado pelo grupo, canto de mantras e aula da *Bhagavad-Gītā*, é realizado todos os domingos no centro Védico Ananda Chandra, a partir das 18 horas. O local é situado na Rua Halfeld, na Galeria Pio X, segundo piso, Juiz de Fora - MG. O centro Védico Ananda Chandra é um estabelecimento que oferece aulas e práticas de *yoga* e *ayurveda*⁶, possui também um bistrô natural, que vende produtos como chá, óleos, ervas, etc. Além de aulas, o estabelecimento oferece cursos de formação em práticas de *yoga*, meditação e massagens (técnicas *ayurvédicas*).

2 - A dinâmica interna do local e sua relação com o grupo *Hare Kṛṣṇa*

O espaço interno do centro Védico Ananda Chandra apresenta a seguinte disposição: a) saleta de recepção, loja/livraria; b) espaço para as práticas coletivas; c) saletas/vestiários (feminino e masculino, separadamente), d) banheiro. Essa disposição é característica dos Centros Integrados, classificação feita por Magnani em sua pesquisa sobre o fenômeno neo-esotérico. Esse Centro Integrado possui as seguintes características:

são aqueles que reúnem e organizam, num mesmo espaço, vários serviços e atividades, como consultas a algum dos diferentes sistemas oraculares, terapias e técnicas corporais alternativas, palestras e cursos de formação, venda de produtos, vivências coletivas. Não apresentam um corpo doutrinário fechado, mas fundamentam suas escolhas [...] com base em uma corrente em particular ou num conjunto de discursos mais ou menos

⁵Nome do evento realizado aos domingos no qual foi realizada a pesquisa etnográfica.

⁶Termo em sânscrito que significa “conhecimento da vida”.

sistematizado, podendo, contudo, combinar elementos de várias tendências filosóficas, religiosas e esotéricas. (Magnani, 1999, p.27)

Pode-se perceber ainda sobre o espaço do centro Védico Ananda Chandra que

[...] na área interna, ao contrário, do que ocorre com o uso habitual do espaço, que em parte subsiste na recepção, imperam o silêncio, a penumbra, o vazio, o aroma de incenso, produzindo um clima de paz e recolhimento, em contraposição à fala, ao cheio, ao ruído e ao movimento que preenchem, na experiência diária, o espaço construído. (Magnani, 1999, p.32)

Isso foi observado através de avisos como: “desliguem os celulares”, “silêncio! Estamos em aula”, “retirem os sapatos”, entre outros. Os sapatos são retirados obrigatoriamente, mesmo não sendo para uma atividade da casa, no sentido de estar vinculado às práticas diárias do estabelecimento, como é o caso do evento analisado. Quando se chega à recepção, já se retira os sapatos antes de entrar no espaço, aqui denominado, para as práticas coletivas. Os alimentos levados ficam nas saletas/vestiários, onde se encontram algumas cadeiras no qual são postos. As bolsas, casacos e objetos particulares ficam pendurados em um suporte na parede próximo as saletas/vestiários. Porém, tudo acontece no espaço para práticas coletivas, desde o canto dos mantras até a *prashada*.

O espaço interno, da recepção até as saletas/vestiários, possui elementos característicos do hinduísmo, mais especificamente do movimento *Hare Kṛṣṇa*. Contendo no estabelecimento quadros de divindades e de líderes espirituais, mantras pintados na parede, imagens de divindades, altar dedicado a Kṛṣṇa, livros do movimento *Hare Kṛṣṇa* e da ISKCON, o livro sagrado *Bhagavad-Gītā* (que também é disponibilizado para a venda), entre outros elementos característicos. Apesar de possuir todos esses aspectos há uma diferenciação entre as práticas realizadas pelo estabelecimento, como as aulas de *yoga e auyrveda*, os cursos de formação, etc., com as práticas realizadas aos domingos pelo grupo *Hare Kṛṣṇa*.

Mesmo tendo o espaço em comum, as atividades são desvinculadas. Até porque o espaço é alugado para o grupo *Hare Kṛṣṇa* aos sábados e aos domingos, mediante o pagamento mensal de 150 reais. Este valor é dividido e pago pelos iniciados na religião *Brahma-Madhva-Gauḍīya-Sampradāya*. Pois não é cobrada dos frequentadores

nenhuma ajuda financeira, como pode ser observado no panfleto entregue por eles que diz: “entrada franca”. A única ajuda que eles solicitaram foi a contribuição com alimentos para serem partilhados na *prashada*⁷.

3 - O grupo

O grupo sofreu modificações, tanto em relação aos membros/frequentadores quanto ao local onde se realiza os encontros. De acordo com alguns iniciados, não se sabe ao certo quando o grupo se formou e nem o porquê, pois eles entram no grupo quando este já estava formado. Os membros mais antigos não frequentam mais o grupo, alguns por motivo de falta de horário, outros por viajarem muito ou por estar residindo em outro país. Entretanto, o que se conseguiu a respeito do grupo foi a partir de uma conversa, feita ao final de um dos encontros, com um dos iniciados.

De acordo com a iniciada, quando ela entrou para o grupo os encontros aconteciam no mesmo local onde é hoje. Pois nessa época, uma das formadoras do grupo era professora de *yoga* no centro Védico Ananda Chandra, o que possibilitou utilizar o local para as práticas do grupo. Depois de um tempo houve um desentendimento entre essa professora e a dona do estabelecimento, o que forçou o grupo a mudar o lugar dos encontros. Os encontros passaram a ser realizados em uma sala comercial que essa professora e formadora do grupo tinha, essa sala comercial era no mesmo prédio do antigo lugar dos encontros. Mas era um lugar improvisado e pequeno. Diante disso o grupo muda novamente, passa então para outro estabelecimento dessa mesma professora, uma sala comercial maior e ampla situada na Avenida Rio Branco. Não ficaram lá por muito tempo e mudaram novamente, passaram para outra escola de *yoga*, porém mais afastada da região central da cidade. Quando a iniciada, a que passou essas informações, se tornou professora de *yoga* no centro Védico Ananda Chandra, ela acordou com a dona do estabelecimento e com o grupo de trazer novamente os encontros para lá. E assim, permanece até hoje.

O grupo hoje é formado, principalmente, por 3 iniciados, 2 em processo de iniciação e frequentadores (o número de frequentadores varia de encontro a encontro, porém geralmente alguns são frequentadores assíduos). Cabe destacar que há diferença

⁷Alimento oferecido a Kṛṣṇa, que ao ser oferecido é espiritualizado e purifica as entidades vivas.

entre os iniciados / em processo de iniciação e os frequentadores. Os iniciados/ em processo de iniciação são pessoas que se converteram na religião *Brahma-Madhva-Gauḍīya-Sampradāya*, vulgo *Hare Kṛṣṇa*, como os próprios relataram na pesquisa. Já os frequentadores são pessoas que vão aos encontros ou por partilharem do mesmo ideal de vida, ou por seguir a mesma religião (sem se iniciar), dentre outros motivos. Assim, pode-se caracterizar este conjunto de pessoas como um grupo, pois há cerca de dez pessoas que frequentam assiduamente as reuniões, além de outros frequentadores esporádicos.

Há outro ponto importante quando se observa a formação do grupo: o circuito neo-esotérico, “[...] faz parte do circuito a totalidade dos equipamentos que concorrem para a oferta de tal ou qual bem ou serviço, ou para o exercício de determinada prática, mas alguns deles acabam sendo reconhecidos como ponto de referência e de sustentação à atividade.” (Magnani, 2002, p.24), ou seja, de acordo com a observação participante percebeu que os membros desse grupo, tanto os assíduos quanto os esporádicos, se conheceram por meio de práticas ligadas ao meio alternativo da vida, por exemplo: *yoga*, alimentação vegetariana, meditação, entre outras práticas.

Contudo, em relação aos iniciados é relevante assinalar a diferença entre devoto interno e devoto externo (Guerriero, 2001), para compreender as práticas realizadas pelo grupo. Como não há templos em Juiz de Fora, os devotos de Kṛṣṇa acabam tendo que serem devotos externos, estes se caracterizam por serem “[...] aqueles que se identificam com a ISKCON mas não abandonam suas famílias e atividades” (Guerriero, 2001, p.53), pois este tipo de devoto não precisa morar no templo para ser um devoto de Kṛṣṇa. O devoto interno se diferencia do externo porque “[...] se sentia obrigado a abandonar a família, estudos, emprego, amigos e todas as suas atividades anteriores [...]” (Guerriero, 2001, p.53) para viver nos templos. O grupo estudado aqui e suas práticas é composto principalmente por devotos externos, que se encontram aos domingos para realizar a adoração, a palestra e compartilhar a *prashada*, tanto com seus iguais (devotos), quanto com os diferentes (frequentadores).

4 - O evento

Os encontros realizados aos domingos ocorrem de forma organizada e sistemática em três momentos: a adoração, a palestra e a *prashada*. O primeiro inicia-se

por volta das 18h15min e é de caráter ritualístico, específico da religião. Neste momento acontece a adoração a Kṛṣṇa, onde todos se voltam para o altar, nos moldes tradicionais da religião, que têm a imagem da divindade e sua consorte, outras formas de Kṛṣṇa, imagens dos líderes espirituais (em sequência cronológica), elementos que representam Kṛṣṇa dentre outros adornos. No momento da adoração um dos iniciados toma o posto de sacerdote e inicia o ritual, no qual ele vai oferecendo os elementos correspondentes do ritual a Kṛṣṇa diante do altar, os elementos são: água, flor, incenso, óleo essencial, pena de pavão, lampejo de fogo e um abanador específico indiano. Durante o ritual, todos são purificados e abençoados com os elementos pelo sacerdote. Enquanto o sacerdote realiza o ritual os outros iniciados cantam os mantras e dançam, o restante do pessoal participa também cantando e dançando.

O segundo momento é a palestra, estapor sua vez acontece por volta das 19h e tem o caráter mais de estudo. Neste momento um dos iniciados faz a leitura de um dos versos do *Bhagavad-Gītā*. Antes e depois da leitura cantam-se alguns mantras específicos desse momento. Na palestra, todos ficam sentados em almofadas de *yoga* viradas para o palestrante. A leitura acontece de três formas: a primeira em sânscrito, a segunda em português e a terceira é o comentário de Śrīla Prabhupāda sobre a respectiva passagem. Após estes três momentos, o palestrante inicia a sua própria explicação sobre o verso e seu ensinamento. Essa explicação conta com o recurso de slides que são passados pelo retroprojetor, além de alguns momentos utilizarem vídeos, imagens, entre outros recursos.

O terceiro e último momento é a *prashada*, que ocorre por volta das 20h30min e tem o caráter de sociabilidade. Neste momento todos sentam no chão entorno de um pano de mesa e comem os alimentos trazidos, que antes de serem servidos, eles são oferecidos à Kṛṣṇa. Enquanto comem todos se confraternizam. Os assuntos são diversos, mas geralmente estão relacionados às práticas vinculadas ao movimento *Hare Kṛṣṇa*, como: alimentação saudável e vegetariana, músicas e mantras hindus, filmes indianos, etc.

O processo de adaptação e contextualização

No processo de adaptação e contextualização do *Hare Kṛṣṇa*, percebe-se que o grupo estudado utiliza ferramentas próprias para a adaptação. Se no início do ritual a

adoração é feita de modo padronizado, com instrumentos específicos e mantras em sânscrito, a palestra se mostra como uma parte do ritual mais aberta, mais sujeita à adaptações. Assim, destaca-se o uso de tecnologia, principalmente da informática como ferramenta interativa da palestra. A utilização de apresentações de *power-point*, exibidas por um retroprojetor conectado a um notebook se tornam frequentes. Estas apresentações de slides possuem grande função interativa, visto que várias ferramentas do próprio programa são utilizadas em conjunto com diferentes imagens que atraem a atenção dos ouvintes. Nesta palestra, nota-se que mesmo utilizando fontes de tecnologia surgidas recentemente, valoriza-se o canto de mantras e leituras em sânscrito, possibilitando um tipo de relação entre o antigo (sânscrito) e o moderno (tecnologia), formando então o rito. Este uso de ferramentas tecnológicas se torna um dos principais meios de transmitir o conhecimento nas palestras. Além do uso de ferramentas tecnológicas, há outros meios de adequar esta filosofia de origem oriental à realidade ocidental, tal como as reinterpretações de livros sagrados, o diálogo entre ciência e religião e etc.

Uma das questões importantes de se abordar no processo de ocidentalização do conhecimento védico é o uso do sânscrito nos rituais, como aborda Guerriero:

Quando utilizam palavras em sânscrito, língua não utilizada na própria Índia há muito tempo, crêem serem fiéis às "origens divinas" da língua. Porém, o que não sabem, é que utilizam os elementos védicos submetidos às regras da cultura ocidental. O significado de um símbolo não é intrínseco mas depende do discurso em que se encontra inserido e da sua própria estrutura. Fora do contexto em que foram gerados, os significados dos símbolos védicos se alteram. A cultura não é algo que se pode transportar de um lugar para outro, mandar trazer do exterior, mas é algo constantemente reinventado, recomposto e investido de novos significados. É preciso perceber a dinâmica própria da cultura (Guerriero, 2001, p. 49, 50)

Assim, apesar do sânscrito ser visto como uma língua “divina” sofre uma reinterpretação no contexto ocidental, e particularmente do grupo estudado. Mesmo que os versos do *Bhagavad-Gītā* se mantenham fiéis à sua origem oriental, a interpretação do mestre espiritual Prabhupāda passa por uma recontextualização. Valoriza-se a mensagem dos versos originais, porém estes são interpretados de uma forma que um seguidor “ocidental” possa entender e então se conectar com Kṛṣṇa. É importante frisar que os frequentadores e adeptos afirmam que a mensagem do *Bhagavad-Gītā* e

principalmente a abordagem de Prabhupāda podem se aplicar à qualquer contexto social. Assim, se de um lado valoriza-se uma ligação com a tradição original da Índia através dos ritos tradicionais, pinturas faciais, cortes de cabelo, roupas específicas, textos e mantras em sânscrito, de outro há um esforço para aplicar estes conhecimentos milenares e a interpretação de Prabhupāda à realidade do século XXI, do Ocidente e do Brasil.

Nesta percepção, é possível destacar que muitos dos assuntos escolhidos para a palestra são abordados paralelamente com temas atuais. Um exemplo é a descriminalização do aborto no Brasil e em outros países, tema este abordado como parte de uma palestra. A questão do aborto é amplamente discutida no Brasil, opondo grupos favoráveis à descriminalização e grupos que abominam tal possibilidade (muitas vezes religiosos). Assim, em uma das visitas, discutiu-se como tópico central a questão do “mundo material” como lugar da infelicidade e mortalidade. O tema do aborto se inseriu como uma prática condenável pelo *Hare Kṛṣṇa* por impedir a formação de uma vida (algo considerado sagrado). Porém, segundo conversas posteriores, o aborto é algo raro na Índia, não se despreendendo muitos assuntos relacionados, mas na passagem para o Ocidente, se tornou um tópico importante para se discutir. Na palestra utilizou-se uma fala de Prabhupāda em um discurso nos anos 1970 em que este afirma que na atual era, *Kali-Yuga*⁸, uma criança não está mais segura no colo de sua mãe. Dois versos do *Bhagavad-Gītā* também foram utilizados. Nestes versos não há nada que se fale sobre o aborto, mas sim sobre Kṛṣṇa ser a divindade representante da vida.

Outra fonte utilizada em uma conversa posterior foi uma transcrição livre de um trecho da obra “A Transcendental Diary” escrito por um discípulo inglês de Prabhupāda, Hari-SauriPrabhu, onde este afirmava que a prática do aborto existe em relativa medida na Inglaterra, e Prabhupāda se mostra horrorizado pela prática e ao mesmo tempo feliz pelo aborto ser incomum na Índia, seu local de nascimento. A principal fonte de conhecimento do *Hare Kṛṣṇa*, o *Bhagavad-Gītā*, não fornece nenhuma base para tratar especificadamente da questão do aborto, então os trechos que exacerbam a presença divina na formação da vida são resgatados e reinterpretados, juntamente com discursos mais recentes de mestres espirituais para tratar da questão.

⁸O tempo na filosofia védica é dividido em quatro eras: *Satya-Yuga– Treta-Yuga–Dwapara-Yuga–Kali-Yuga*, onde em cada passagem de era, o ser humano se afasta da consciência divina e o mundo se torna um lugar mal.

Observa-se que as escrituras sagradas não mantêm seu significado intacto, sendo reinterpretadas ao longo do tempo nos diferentes contextos aos quais se inserem; se adequando às mudanças, em uma visão da cultura como algo móvel, e não estático. Se de um lado, Guerriero (2001) tem êxito ao afirmar que não é possível transportar uma cultura de um lugar para outro; por outro lado, percebeu que os frequentadores e adeptos possuem sim a consciência de que os ensinamentos que entram em contato sofreram reinterpretação, não sendo ignorantes quanto a esta questão. Por considerarem este conhecimento algo universal, os adeptos acreditam que ele é capaz de se adequar aos diferentes locais onde se insere. Até mesmo por este motivo, muitos viajam ou pretendem viajar à Índia, para então entrar em contato com uma tradição mais “pura” e talvez mais próxima da realidade na qual os textos sagrados foram escritos. Os próprios frequentadores do grupo, em certos momentos, afirmam que as obras de Prabhupāda, mesmo antes de se mudar para os Estados Unidos, já eram escritas pensando na adaptação do culto à Kṛṣṇa no Ocidente, ou seja, seus livros contém uma interpretação religiosa sob a ótica de uma adaptação.

Ainda sobre este tema, os frequentadores afirmam que o próprio Prabhupāda, ao chegar aos Estados Unidos, não tinha pretensão de instaurar inicialmente a religião de modo fidedigno ao que era na Índia. Algumas das restrições, tais quais não comer carne, eram inicialmente omitidas dos primeiros interessados, pois este mestre espiritual acreditava que, se o interessado conhecer previamente a palavra de Kṛṣṇa, as restrições serão vistas como consequência voluntária de uma evolução espiritual. Então, um dos cultos incentivados por Prabhupāda era o de Jagannatha, um dos arquétipos de Kṛṣṇa que é caracterizado por ser uma divindade plenamente feliz, que não olha para os defeitos do ser humano, apenas para as qualidades; assim até aqueles que (ainda) comem carne e vivem uma vida voltada para conquistas materiais podem cultuar Jagannatha. Então, este arquétipo de Kṛṣṇa se tornou extremamente conhecido no Ocidente, e o ritual *Ratha-yatra* dedicado à ele e seus irmãos Baladeva e Subhadra, é bem difundido. No contexto específico do grupo de adeptos e frequentadores de Juiz de Fora, este arquétipo é muito valorizado, estando presente no altar, em camisas dos membros e nos temas das palestras; sendo que muito dos frequentadores acompanham o *Ratha-yatra* do Rio de Janeiro, realizado no mês de julho.

Quando se fala em vegetarianismo, os adeptos e frequentadores de Juiz de Fora possuem uma postura incisiva: comer carne é um erro na concepção do *Hare Kṛṣṇa*. Porém mesmo que este tema povoe grande parte das conversas na *prashada* e em assuntos abordados nas palestras, não há uma obrigação de se tornar vegetariano enquanto um não-iniciado (frequentador), e nenhum tipo de tratamento diferenciado ou preconceito voltado para pessoas que optam por comer carne, a concepção do livre-arbítrio predomina, impedindo que haja uma conversão forçada. Os adeptos e frequentadores reclamam de um desconhecimento e relativo preconceito de pessoas que não entendem a postura vegetariana. Assim, abordam-se principalmente na *prashada*, além de receitas vegetarianas, formas de se fazer a sociedade entender e aceitar a postura de um vegetariano e principalmente, de um filho de vegetariano.

Outra forma de adaptação do culto a Kṛṣṇa é através da aproximação entre ciência e religião. Um dos adeptos afirma que Max Weber, ao analisar o Hinduísmo, encontra dois conceitos presentes apenas nesta religião: o conceito de *Līlā* e de *Yoga-māyā*. O primeiro conceito se refere às “brincadeiras” de Deus (Kṛṣṇa) com as almas que alcançam a pureza, se refere aos passatempos divinos. O segundo conceito fala da concepção de Deus encobrir as pessoas puras, de modo que elas não o reconheçam como Deus e possam interagir com intimidade de um pai, um filho ou um consorte.

Segundo informações dos adeptos, esta explanação de Weber se encontra na obra “The Religion of India: The Sociology of Hinduism and Buddhism.”. Na experiência de campo, esta abordagem de Weber aparece intrinsecamente ligada com o discurso da filosofia indiana como algo completo, uma crença mais abstrata e mais evoluída que qualquer outra. Outro uso do pensamento de Weber aparece no site internacional da ISKCON, no trecho: “He has been described as a charismatic leader, in the sense used by the sociologist Max Weber, as he was successful in acquiring followers in the United States, Europe, India and elsewhere.”⁹, é possível destacar que o conceito de carisma em Weber é aplicado à Prabhupāda para caracterizar sua grande aceitação no Ocidente.

Em outra visita, houve uma comparação da Física Quântica com os conhecimentos védicos. Nenhum autor foi citado, porém a palestrante do dia fez várias

⁹Tradução livre: “Ele tem sido descrito como um líder carismático, no sentido usado pelo sociólogo Max Weber, como ele foi bem sucedido na aquisição de seguidores nos Estados Unidos, Europa, Índia e em outros lugares.

analogias sobre a questão de a matéria ser algo que consiste de um conjunto de partículas sub-atômicas organizadas em um padrão que respeita as leis de uma consciência superior e criadora, Deus. Assim, todos os sentidos (visão, olfato, tato, paladar e audição) estariam sujeitos à mente, que por sua vez possui certas limitações materiais. Já a consciência é vista como uma dádiva divina, capaz de superar todas as limitações materiais e se reconectar com Deus, pois a própria alma que habita o corpo é uma centelha de Deus, e a consciência seria a forma de elevá-la. Observa-se aqui há a crença que este ramo da Física apenas confirma concepções já conhecidas por antigos sábios.

Um discurso sempre frisado nas reuniões por parte dos iniciados e frequentadores é o não-sectarismo da religião. Em vários momentos os palestrantes frisavam que alcançar a consciência de Kṛṣṇa (objetivo principal da fé), era possível por vários caminhos religiosos distintos. Em momento algum “pregou-se” contra outros segmentos religiosos ou os considerou como falsos. O discurso principal falava de um estado de iluminação espiritual que poderia ser alcançado em qualquer religião, uma consciência de Kṛṣṇa não exclusiva do *Hare Kṛṣṇa*. Em paralelo com o documentário de Claudio Salles, “Conflitos da Fé”, nota-se que este não-sectarismo é um tema presente em segmentos religiosos considerados minoritários. No dito documentário, houve uma manifestação onde diferentes grupos religiosos foram às ruas, juntos, protestando contra posturas preconceituosas e a favor do respeito e diálogo inter-religioso, inclusive um grupo *Hare Kṛṣṇa* esteve presente. Nota-se então que esta postura mais abrangente faz parte de uma pauta discursiva presente em várias religiões de menor expressão.

Considerações Finais

Em suma, foi possível notar que a adaptação de uma religião de origem indiana se dá de diferentes formas na particularidade do grupo de Juiz de Fora. Se as pinturas, roupas, mantras, textos em sânscrito reforçam a identidade com uma religião indiana, diferenciando-se de outras possibilidades, a adaptação e recontextualização desta religião a torna ocidentalizada. Na particularidade do grupo analisado, o uso de tecnologias audiovisuais; a recontextualização de ensinamentos milenares à realidade local; o uso da ciência como forma de valorizar e afirmar os conhecimentos védicos; os

discursos também recontextualizados de gurus e mestres espirituais mais recentes; a postura não sectarista; entre outros, reforçam uma ocidentalização religiosa que acontece não de forma unitária e geral, não por orientação institucional, mas principalmente no interior das particularidades do grupo analisado. Com isso, percebeu que é na recontextualização, adaptação e transmutação dos ensinamentos antigos para a realidade, que esta ligação Índia – Brasil – Juiz de Fora, Oriente – Ocidente traz sentido para a ligação Kṛṣṇa – Indivíduo. Os próprios frequentadores do grupo analisado defendem que a “sabedoria” de Kṛṣṇa presente nas escrituras sagradas são universais, são possíveis de se aplicar à realidade local, recontextualizar-se.

Referências bibliográficas

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Capítulo 1 – O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O Trabalho do Antropólogo*. 2ª ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000, pp. 17-35.

FOOTE-WHYTE, William. “Treinando a observação participante”. 1943. In: ZALUAR, Alba. *Desvendando Máscaras Sociais*. Capítulo 3.

GUERRIERO, Silas. O Movimento Hare Kṛṣṇa no Brasil: uma interpretação da cultura védica na sociedade ocidental. *Revista Estudos da Religião* -Nº 1/ 2001.

ISKCON. Disponível em: <http://iskcon.org/>. Acesso em: 12 ago 2013

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, no. 49, junho/2002. Disponível em: www.scielo.com.br.

_____. *Mystica Urbe: Um estudo antropológico sobre o circuito neo-estotérico na metrópole*. São Paulo. Studio Nobel. 1999.

ORTIZ, Renato. Anotações sobre religião e globalização. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 16, nº. 47, outubro/2001, p.59-74.

RIBEIRO, Arthur. *Conflitos da fé*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rkFbc3TwCuk>. Acesso em: 12 ago 2013.

SANCHIS, Pierre. A religião dos brasileiros. *Rev. Teoria e Sociedade*, UFMG, n. 4, outubro/199, p.213-245.

SELBIE, Joseph. *About the Yugas*. Disponível em: <http://theyugas.com/about-the-yugas/webinars/>. Acesso em: 12 ago 2013.

TANNURE, Luan. *O cantar de Hare Krishna*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cvCo5p5q0a0>. Acesso em: 12 ago 2013.

THE BHAKTIVEDANTA BOOK TRUST INTERNATIONAL. *O cantar de Hare Kṛṣṇa*. Primeira Edição, 2009.